DIÁRIO PT METAL
NEWSLETTER

ANO : II Setembro/Outubro NEWSLETTER #12

VENGEFUL FATE

O colectivo auto-designa-se como "nu metal da Póvoa" e, apesar de já ter dado cartas em vários palcos por Portugal, foi a 22 de Abril deste ano que lançou o seu EP de estreia, Lowblow, um misto de várias influências de metal moderno, como, aliás, contou à Diário Pt Metal. O ano de 2026 vai continuar a ser um ano de muita actividade em palco e o longa-duração já está nos planos, como nos revelou a banda, que respondeu às nossas perguntas após um ensaio numa quinta-feira no início de Agosto.

Gostaria de começar por agradecer-vos a entrevista e perguntar: tendo lançado o vosso EP de estreia há poucos meses, "Low Blow", como descrevem a vossa experiência em realizar este registo, dado que já têm experiência de palco há alguns anos?
É um marco no nosso percurso, um primeiro projecto que define a identidade da banda, especialmente neste primeiro ano de actividade. É um disco que homenageia a nossa sonoridade inicial, mas já com alguns traços da sonoridade, ideias e estética que pretendemos trabalhar no futuro.

O vosso som é, muitas vezes, associado ao nu metal, mas, ao ouvir este trabalho, a vossa música lembrou-me bandas da New Wave of American Metal, como Trivium ou Chimaira. Quais são as vossas influências em termos sonoros?



Isto entra um bocado em linha com o que dissemos antes: a nossa sonoridade actual já evoluiu ainda mais no sentido de ser mais influenciada pelo nu metal. Em termos de influências pessoais, vão desde Lamb of God, Electric Wizard e Drain, a cenas como Seether, Silverchair e N.W.A. Enquanto banda, somos todos influenciados por cenas do género de Incubus, Slipknot, Primer 55, Snot, Blindspott e Spineshank.

E em termos de letras, o que vos influenciou?
Além de experiências pessoais, que obviamente têm de ser incluídas: literatura de ficção científica, alguns jogos (o nome da banda vem de uma quest no World of Warcraft) e bandas como Staind, Deftones e Flaw, que são grandes inspirações para o processo de escrita.





Pode ser ainda muito cedo para falar acerca disso, mas para quando podemos esperar um longa-duração dos Vengeful Fate?

Ou para 2027, ou para 2028. Estamos a arrecadar fundos para gravar o próximo projecto e, como queremos fazer uma coisa mais ambiciosa, ainda vai demorar um bocadinho a atingirmos o valor que pretendemos para investir no LP. Se tudo correr bem, começamos a gravar em 2027 e lançamos no mesmo ano; se tudo correr mal, começamos a gravar para o final do ano que vem e lançamos em 2028.

Por fim, quais são os vossos planos para promover este EP de estreia em termos de concertos este ano?

Para além dos que fizemos mais recentemente no BOTA Anjos, a 10 de Setembro, com os Throwness e no dia 12 de Setembro, no Friar Fest (Santarém), com várias bandas incríveis, temos alguns concertos por anunciar até ao fim do ano: no Maus Hábitos (Porto), no Cine-Incrível (Almada), e no DRAC na Figueira da Foz.

Para a malta que estiver a ler: se curtem as nossas cenas, apareçam — precisamos de fundos para gravar o próximo disco! Hahaha!!

Entrevista : Raúl Avelar

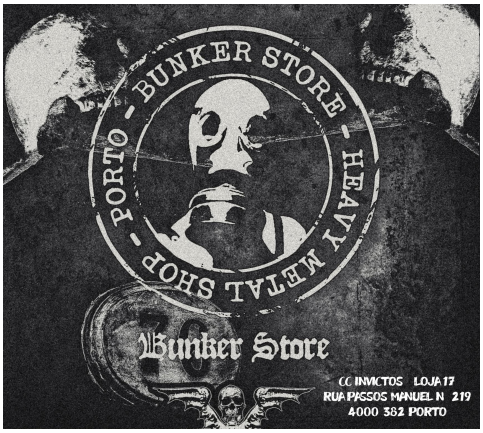












HONORIS CAUSA

Malevolence

"Martyrialized"



A propósito de «Far From God», o mais recente álbum de originais de Moonspell, editado em julho deste ano, aproveita-se o espaço desta rubrica para recordar, mais do que um projeto antigo de um dos seus integrantes, um dos muitos bens da produção discográfica nacional.

De Leiria, os Malevolence, que contavam que Aires Pereira nas quatro cordas, encontram talvez a sua obra de maior relevância no segundo de originais «Martyrialized». Se o álbum de estreia «Dominium» [Danger Records, 1996] já tinha constituído um surpresa no underground luso da altura, o seu sucessor, lançado em 1999, apresentava de facto a banda numa forma ainda mais madura e profissional.



Editado pela defunta Maquiavel Music, editora também nacional, o registo em questão demonstra um death metal melódico (há quem o enceste no gótico) a remontar talvez para uns Dark Tranquillity de então, porém com uma vertente mais guitar oriented.

Algum shredding a querer elevar a composição, bem como a maturidade atingida de um álbum para o outro. Inclusive, a própria produção consegue remeter para esses tempos, a transição do milênio. Nesse aspeto, e consciente do espírito e tecnologia da altura, vinte e tal (quase trinta) anos depois, alguns ajustes deveriam ter sido feitos ao nível da equalização: Muita coisa a acontecer em produções mais limpas, e corre-se o risco das vozes, sobretudo o gutural, de ficarem camuflados pelo instrumental, este que oscila entre o melódico e virtuosismo à medida. Uma recordação que ainda merece ser lembrada.

Rubrica : D.F.

PTOLEMEA

Com “The Antfarm Sessions”, Priscila da Costa pretende mostrar que ainda há algo a extrair de “Kali”, o mais recente disco do projecto **Ptolemea**, que atraiu tão boa crítica. Com uma selecção de alguns temas desse álbum, troca a densa atmosfera, o post-rock, o doom e o subtil peso por roupagens acústicas e uma folk que mantém a alma e que, com certeza, tratará o peso e as emoções das canções de forma diferente. Esse álbum, possivelmente um encerramento do capítulo “Kali”, será lançado a 6 de Novembro.

“Triumph of the Grotesque Disorder”, “Depths of Despair” e, mais recentemente, “Devourer of Existence” — que conta com um brutalíssimo vídeo realizado pela bem reconhecida Beatriz Mariano — são as três amostras que já temos disponíveis para “Desecration”, o estardalhaço de estreia dos **Crucivore**, com edição prevista para 13 de Novembro.

Foi em Outubro que os **Sidderor** se estrearam no underground nacional com o EP “Genesis”. A abrir caminho tivemos os dois singles de avanço, “Tophet” e “The Realm of Lies”. Esta banda de heavy metal da zona de Lisboa faz a sua apresentação com um registo em formato digital e em CD, com o selo da Ethereal Sound Works.

Hugo Medeiros, dos **Dark Age of Ruin**, confirma que terão um novo álbum cá fora, o mais tardar, no ano que vem. Esta banda açoriana esgotou a primeira edição em CD digipack do seu álbum de estreia, lançado em 2024, pela Selvajaria Records, em parceria com a editora





Museu do Heavy Metal Açoriano. A banda, composta por pai e filho, vem sendo bem acolhida desde o princípio pela imprensa e pelos metaleiros em geral, tendo ajudado para isso a projecção de outras faixas online, uma das quais incluída no CD-colectânea “Azores & Metal Vol. 3”. É black metal de mar gélido e basalto negro.

APOCALYPSE CONSPIRACY

Os **Apocalypse Conspiracy** não acham que devamos esperar mais tempo pelo sucessor do seu álbum homónimo e já nos trazem boas novidades. “Relentless” é o nome do segundo e novo disco, com lançamento previsto para 23 de Novembro, através da Firecum Records. Para nos manter bem entretidos e a especular, já temos “Bloodshed”, o primeiro single, disponível desde 10 de Setembro.

A resiliência deste nosso meio será sempre exemplar. Após quase trinta anos desde a sua formação, os açorianos **In Peccatum** chegam



finalmente ao seu disco de estreia! A suceder o EP “MDLXIII”, dezassete anos depois, a banda assinala o período conturbado e todos os obstáculos que lhes apareceram à frente ao longo da sua preparação, com “In Perpetuum Nobis”, um disco, com data a anunciar, que tratará a temática do isolamento geográfico, que os habitantes das ilhas tão bem compreenderão.

APOTHEUS

Há mais metal progressivo de ficção científica para desfrutarmos, já aí à porta. Os **Apotheus** concluem o conceito que têm vindo a desenvolver desde o início com o seu quarto álbum, o último capítulo da história. “The Complex Permutation” chega aos sítios do costume a 20 de Novembro e já tem amostra no single “Boundaries”, que conta com a grande participação de Björn Strid, dos Soilwork e The Night Flight Orchestra.

AVESSO

Já deu para perceber que não era uma brincadeira passageira: os **Avesso** são uma banda que veio para ficar e já têm um seguimento para o “Desassossego” que causaram em finais de 2024. O supergrupo sanjoanense já tem “Uma Morte por Mil Cortes”, um novo EP, pronto para ser lançado em Novembro, e já o antecipou com o single e videoclipe “Eterno Retorno”, que mostra uma banda, afinal, em constante movimento e evolução.

ENCHANTYA

Os **EnChanTya** ultimamente só sabem dar boas notícias aos fãs de metal gótico! Após os anúncios dos regressos de dois membros de imensa importância na história da banda — o guitarrista Nuno “Seven” Almeida e o teclista Luís Vlad Fernandes —, a mais recente boa nova é a promessa de um grande 2027, com a garantia de novo álbum ainda no primeiro semestre. Quanto a mais detalhes em relação a esse tão antecipado disco, estejam de olho nas redes sociais da banda, ou então, vão espreitando estas mesmas linhas também.

PAULA TELES

Paula Teles não pretende abrandar o

excelente ímpeto que já tem vindo a criar e tem um novo trabalho quase a chegar. A julgar pelo título, capa e talento que lhe conhecemos, “Mátria” promete ser um álbum impactante. A sua data de lançamento estava prevista para Outubro, mas infelizmente, contratempos adiaram-no. Estará, em breve, disponível e, até lá, já podemos desfrutar do seu delicioso dueto com Mary Ann, a interpretar o imortal clássico “Pronúncia do Norte”.

Naturais de Lisboa, mas com ADN da ilha da Madeira, temos novidades dos **Varma.** Esta banda está de volta com um novo trabalho: chama-se “Boiling Point” e afirma influências stoner, punk e rock psicadélico. Amadurecimento e uma identidade sonora mais definida é o que pretendem dar a conhecer de agora em diante. Tudo começou em 2023, e já têm dois EP´s no historial, “Slips / Trips / Falls” e “Haze”, mas agora chegou a hora do álbum.

Uma montanha-russa de emoções vinda directamente de Vila Real, os **In We Fall** acabam de lançar o seu novo single



Between Memories, um tema que contrasta entre o peso agressivo e as atmosferas mais subtis e cinemáticas. Se são fãs daquele Modern Alternative Metal poderoso, na onda de bandas como Alter Bridge e Tremonti, vão adorar esta faixa, misturada e masterizada pelo Daniel Cardoso (Anathema).
Para os mais distraídos, recordamos a existência do álbum de estreia Inner Self, lançado em 2024.

O monstro não pára de crescer, e aqui até usamos uma frase dessa natureza de forma algo literal. É que Monstro, álbum de estreia dos **Capela Mortuária**, cresce e ganha nova vida ao ter agora a sua primeira edição em vinil, após ter esgotado os CDs, como afirma e celebra a Larvae Records. Com versões black e splatter, é algo para encomendar já, visto que, como devem adivinhar, já está a voar!

"Todas as histórias têm um fim, até mesmo aquelas que pensávamos que durariam mais." É com essa nota que os **Aeleen** introduzem a triste notícia de que o seu promissor percurso chega agora ao fim. No comunicado, a banda deixa ainda a nota de que se trata do final de um capítulo, o que pode reconfortar quem queira mais música feita pelos seus integrantes. Ficam os temas que já deixaram para celebrarmos um trajecto relativamente curto, mas bem recheado.

jb música
facebook.com/groups/jbmusica

FORJADO EM PORTUGAL // EDIÇÕES FÍSICAS
PORTAL METAL SHOP MAILLIST
Uma selecção de discos para acrescentares à tua coleção.

LOUVADO ABISMO - Louvado Abismo	digipak 13,00€	NECRO ALGORITHM - Machina Omnipotens	jewel case 10,00€
LOUVADO ABISMO - Louvado Abismo	vinyl 20,00€	NECRO ALGORITHM - Machina Omnipotens	cassete 9,00€
PAULA TELES - Desencanto Entreparedes	jewel case 12,00€	MALIGNEA - A Aldeia	jewel case 13€
BURACO NEGRO - 53 490 000 Anos Luz	cardsleeve 11,00€	DANGER MACHINE - Metallick Mercenaries	digipak 10.00€
ANIFERNYEN - Ex Tenebris Lvx	vinyl 25,00€	LEGACY OF PAYNE - Spawn of Creation	digipak 10.00€
HOURSWILL - Ensemble	digipak 13,00€	V/A - Azores & Metal Vol. #1	digipak 6€
CARNIFICATION - Walking Among Thousands	digipak 13,00€	V/A - Azores & Metal Vol. #2	digipak 6€
ANIFERNYEN - Ex Tenebris Lvx	jewel case 12,00€	V/A - Azores & Metal Vol. #3	digipak 6€
SOUNDSCAPISM INC. - A Sea of floating Mirrors	digipak 13,00€	V/A - Azores & Metal Vol. #4	digipak 7€
V/A - Twenty and Three	cardsleeve 10,00€	V/A - Azores & Metal Vol. #4	vinyl 20€
V/A - Edição de Autor Vol.IV	cardsleeve 10,00€	MORBID DEATH - Veil of Ashes	digipak 13€
DRKNSS - Six Degrees Below the Horizon	jewel case 8,00€	MORBID DEATH - Veil of Ashes	vinyl 22€

ACRESCENTA À TUA COLEÇÃO
Explora a loja e encontra a próxima edição para a tua discografia.
portal-metal.pt/shop
Portal Metal Shop • Portal Metal desde 2005
admin@portal-metal.pt • WhatsApp: +351 933 333 164

Lux Inversa
"Cultus Inversus"
Studios13



Vamos ver o que temos cá na caixa do Melkor para esta edição. Profanação e blasfémia. Pronto, essa parte não é novidade. Nem a preferência por black metal de roupagem mais grandiosa e sinfónica. Apesar de Cultus Inversus encaixar, musicalmente, nalgum outro projecto do muito profícuo músico, Lux Inversa parece distinguir-se como o principal veículo de ataque à religião: um exclusivo debitar de ódio, sem distracções. Este é o disco para afirmar, de garganta ensanguentada, que o teu Deus não é lá grande coisa. Mas isto dito com um vernáculo um pouquinho mais forte, já que este pode ser um dos projectos de Melkor com o palavreado mais carregado.
É para combinar com a temática. Não se faz disto com simpatia. A parte musical é que podia ser um pouco dissonante. Talvez se esperasse isso de black metal no seu estado mais cru, ou embebido em punk, mas esse ódio é abordado como se fosse uma epopeia, uma tirada contra esse Deus. É uma viagem munida de blasfémia, onde a forte presença de teclados torna este assalto mais sinfónico, sem deixar de ser extremamente agressivo na mesma. Nem isso, nem o refrão orelhudo que vai aparecendo de vez em quando, que este escriba não há-de ser o único a sair disto a cantarolar a "O Último Suspiro do Sol", presa no ouvido. Oremos! (C.M.)





Haunted Minds
"Insane Maze"
Edição de Autor



"Insane Maze" é a antecipada estreia dos Haunted Minds, após já terem demolido uns quantos palcos por aí. Assim, de forma simples, apresentam as malhas que tinham que deitar cá para fora, já que isto é música que vem da alma, ou melhor, das vísceras. É a sua simples abordagem de um thrash contemporâneo, cheio de groove, que também não dispensa uns sufixos "core", ou um prefixo "nu", sem comprometer alguma coisa. E, para arrumar logo o assunto, é suficientemente selvagem e agressivo para servir como forma de ataque para quem estiver pronto a reduzi-los a "Slipknot portugueses" por causa do factor visual.
No entanto, ainda se encontra a influência nu metal e até algumas referências que se tornam paralelismos (se não estamos a delirar ainda, por causa da pancadaria, podemos jurar que ouvimos a "A.D.I.D.A.S." e a "Blind" fundidas em "I'm the Real God"). Com ideias no sítio, malhas eficazes, respeito pelas referências e a indispensável atitude in-your-face, dão um bom tratamento à simplicidade. "Insane Maze" é a estreia onde ainda procuram a sua identidade musical, mas está tudo bem encaminhado e já se nota que é em palco que estes monstrengos mascarados vão crescer a olhos vistos. A aspereza na produção (típica de uma estreia, tão DIY quanto dá gosto ver ainda a ser feito) ajuda a uma certa "edge" para que, já por aí, não soem tanto a outros. Se não estão ainda debaixo de olho dos fãs de groove/thrash/core e essas cenas de abrir a pit, deve bastar passar os ouvidos por este disco uma vez... (C.M.)

Emoriam
"Where Silence Bleeds"
Edição de Autor



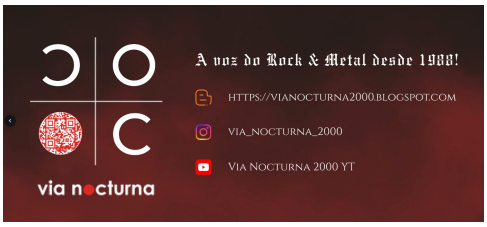
"Behind The Secrets of the Grey" abre este EP de estreia do projecto instrumental a solo do guitarrista Nuno Romero, sendo que aqui ele assume toda a instrumentação. É um tema lúgubre, sombrio e frio com a guitarra a assumir o principal papel a nível melódico. "Where The Lady Flowers Dance" lembra os Paradise Lost dos tempos de Draconian Times graças ao solo de guitarra que entoa a melodia ao longo do mesmo (um pormenor interessante é o som de um sino perto do final, antes do último verso).
"Visions That Refuse To" é o tema mais sombrio deste lançamento, relembrando o mote dado pelo primeiro tema do álbum. "The Day The Black Dress" é mais épico e mais alegre que o tema precedente, com um solo que guia bem o ouvinte pela barreira de som da distorção da guitarra-ritmo. "The Cold Mountain Wind" encerra o EP, mantendo a atmosfera sombria e fria que se sentiu ao longo deste lançamento, com a guitarra solo a brilhar mais uma vez.
A guitarra solo, que substitui a ausência de voz em termos melódicos, é o ponto alto deste registo, como podemos ouvir em outros artistas como Joe Satriani ou Pelican. (R.A)

Exhausted
"The End of The Sun Season"
Edição de Autor



The End of The Sun Season é uma compilação que reúne quatro temas novos gravados pelos Exhausted, aos quais se seguem os temas que compõem a demo Frozen Embrace, lançada em 1995. Ora, são os temas novos que abrem o disco, começando por "Falling Sparrow", um tema death-doom pesado e sombrio. O ambiente continua negro no tema seguinte, devendo-se destacar a presença do baixo que acompanha a bateria de forma extremamente segura (o tema em si lembra-me, em termos de voz e peso, a faixa "Beneath Broken Earth" dos Paradise Lost). Em "Silent State", temos uma pequena bridge em que a voz narrada contrasta com os grunhidos, criando uma dinâmica única em todo o registo. No final da primeira parte da compilação, a voz limpa regressa mais uma vez no último tema do EP antes de dar lugar à voz agressiva após um excelente solo de guitarra ("Final Chapter" conta com a participação de Nuno Caldas, dos Desire, sublinhe-se). Quanto à segunda parte da compilação, Frozen Embrace, temos um regresso ao passado da banda, que começa com "Overflowing Forest", envolvido em sonoplastia e cânticos ancorados no piano, baixo e bateria, mostrando uma





veia de experimentação muito bem-vinda e evocativa da época em que foi criada. "Falling Sparrow" enclausura diversos sons com um resultado surpreendente, sempre assente num riff de guitarra repetido ao longo do mesmo, até que o tema muda de tempo e começa a acelerar para o fim, guiado pelos violinos. Em "The White Winter", a voz feminina ganha maior protagonismo, assim como o baixo eléctrico. Chegados ao último tema, ficamos com uma maior percepção da evolução do som desta banda; com efeito, é possível perceber que os Exhausted se focaram mais na instrumentação tradicional do metal nos temas mais recentes, no entanto, isto não reduziu o impacto dos mesmos e dá uma continuidade ao trabalho da banda como se não tivessem parado após a sua demo de 1995. O peso, a tristeza e a negritude continuam intactos. (R.A.)

Sardonic Witchery
"Hell's Thorn Attacks"
Firecum Records / JEMS



Assente em território internacional, mas ainda a enriquecer o nosso underground, King Demogorgon tem mais um grande disco de Sardonic Witchery para dar cabo de uns quantos pescoços. A familiaridade com o black metal sente-se a cada riff, mesmo que não procure aquela gélida referência norueguesa. Podem fazer a vossa descida até ao inferno com um caneco de cerveja na mão, se o fizerem às custas dos Sardonic Witchery.
Com mais black metal da primeira vaga deste som, com mais thrash e com uma atitude mais rock 'n' roll que não deixa de ser devidamente blasfémica, "Hell's Thorns Attacks" apenas dispensa duas coisas: travões e rodeios. A curta duração solidifica ainda mais a uniformidade de um disco que não vem com qualquer tipo de floreado. É riff, pontapé para a frente, um refrão simples, mas que dá para erguer a jola (se não a deixaram cair enquanto iam até ao inferno num instante) enquanto o acompanham, e muito peso. O início instrumental de "Dark Moon Slaughter" até é feito com uns estupendos solos melódicos – não são os Scorpions, mas bem sabem fazer um tema de rock bem enegrecido. É black metal de raiz, de tempos em que os subgéneros extremos não estavam tão divididos. Era black metal, era pesado, era extremo, era bom. E "Hell's Thorns Attacks" prova o quão bem continua a resultar nos dias de hoje. (C.M.)

Gallows Rites / Blasphemaniac
"Nocturnal Rites of Unholy Fornication"
Adirondack Black Mess



Regresso dos Gallows Rites ao negrume desde que viraram uns quantos crucifixos de pernas para o ar com "Witchcraft and Necro Desecration", agora a partilhar o altar com os brasileiros Blasphemaniac, com quem já partilham baterista. O alinhamento da banda está renovado, mas a atitude permanece, e perdem tão pouco tempo com rodeios como com o embelezamento de algo que se deve apresentar escarrado com esta rudeza. Com um enorme pedregulho de thrash sobre o acelerador, movem-se pelo black metal das velhas leis com precisão no riff e malícia na voz. "Fukking Evil, Fukking Darkness" é o nome de um dos temas e — pela alminha penada — para quê ainda estão a ler isto, se esse título já tão bem define os quatro temas que constituem a sua metade?
A metade dos Blasphemaniac soa diferente, mas com a mesma selvajaria. Como se, por acaso, faltassem referências do género no seu país, e como se uma referência tão evidente como Sarcófago, da época do "I.N.R.I.", não fosse omnipresente. É um disco que se explica sozinho, mas que merece todas as revisitas, tanto por quem aprecia black metal na sua forma

mais pura e se satisfaz assim, como por aqueles que procuram algo mais desafiante. (C.M.)

The Black Wizards
"Force Majeure & The Acts of God"
Hassle Records



Retornados da sua maior fenda discográfica, os The Black Wizards aproveitaram esse tempo para olear (ainda mais) a máquina e preparar este "Force Majeure & The Acts of God", que é também o seu álbum de maior variação estilística. Com grandes canções capazes de interromper o primeiro revirar de olhos perante o uso do termo "retro" (que os descreve desde sempre), aprofundam neste novo trabalho a exploração de estilos de outros tempos idos, não com a missão de fazer algo que soe antigo, mas sim algo que soe intemporal.
Vindos de um heavy psych fumarento, que tanto tinha de stoner e doom a acrescentar ao seu rock 'n' roll de marca vintage, exploram agora várias vertentes de um garage rock igualmente psicadélico. Há ainda a presença de riffs protometálicos, mas também alguma daquela atitude revivalista que encheu muitos miúdos de vontade de revirar o rock, ali ao virar do milénio. Com fugas progressivas sem se tornarem auto-indulgentes, com melodias e refrães de um tremendo poderio e eficácia (sempre um ponto forte no rock daqueles tempos), o disco conta com estonteantes trabalhos de guitarra (a psicadelia de "Astrophile" vai deixar-vos a ver muitas cores, vai!) e uma atitude que nos faz ser um pouco pretensiosos e dizer que realmente faz falta disto na canalha de hoje em dia. É mais uma transferência dos anos 60 e 70 para os dias de hoje com sucesso e com a actualidade a ser assinalada pelas temáticas das letras. Contrastante? Talvez. Ou então, há coisas que nunca mudam... (C.M.)

Dead Meat
"Devoured Ferociously"
Vomit Your Shirt



Brutalhada. E bastava isto. Seguia-se agora uma indicação da farmácia mais próxima para comprar Hirudoid para as pisaduras e ficava a apreciação por aqui; podíamos avançar para o disco seguinte. É daqueles registos que se explica sozinho e vem de uma banda que também já se devia apresentar sozinha e automaticamente. Os veteranos Dead Meat, a quem só falta assiduidade discográfica, já andam a chacinar, a invalidar pescoços e a demolir palcos há mais de três décadas. É essa experiência e o conhecimento de um género para o qual ajudaram a abrir as portas em Portugal que fazem com que "Devoured Ferociously" seja um disco tão completo e eficaz na sua simplicidade. Sabem como fazer do bom brutal death metal, de marca. Sem mais, nem menos. Mantêm as temáticas de matança e carnificina, com perversão à mistura, como mandavam as antigas leis, sem recorrer a gore demasiado gratuito ou ao sci-fi pós-apocalíptico que tomou conta do movimento. E recorrem ao que importa: riffs de partir cimento com a cabeça. Variedade e inovação? Há outras bandas para o fazer, e bem. Os Dead Meat não vêm reinventar nada; apenas actualizam a sonoridade, sem mexer no essencial, e apresentam uma bandeja de riffs, slams e muita roncadeira que chega bem regada de sangue, tripas, pus, alguns fluidos não-identificados e um olho ou outro. E foi precisamente isso que mandámos vir. (C.M.)





Vaelthunder
"Expose / Exist"
Edição de Autor

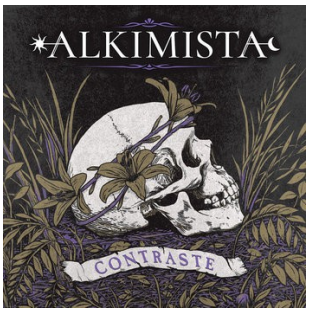


Se Vaelthunder é um nome que ainda vos é estranho, porque ainda não se cruzaram com ele, é realmente um projecto novo, mas não é orientado por um novato. É a assinatura com que se apresenta Miguel Pires, ex-baixista dos The Voynich Code, que quebra o seu interregno e regressa à música, a solo, com uma abordagem mais directa e agressiva do estilo que já lhe é familiar. Se não se cruzaram ainda com esta promissora estreia, "Expose / Exist", é curioso, já que é um disco que se alimentará da sua própria discrição. O conceito e a temática olham para a sobreexposição digital dos dias de hoje e para a necessidade de visibilidade, de um estatuto viral e influente online, normalmente a partir do fabrico e da invenção — como se essa fosse a única forma, ou a mais importante, de singrar.



Este trabalho beneficia da sua própria promoção mais “discreta”: mantém-se fiel ao seu princípio e vende-se um pouco mais à moda antiga, não convencendo com likes, mas sim através da música.
Música essa que pode estar dentro de um espectro familiar, mas mais livre. Mantendo a fidelidade ao sufixo “core”, está menos preocupado com um prefixo mais exacto, permitindo-lhe alguma liberdade para ter faixas mais agressivas, com riffs mais sludgy, e outras mais melódicas, com o principal foco no refrão grandioso. Adequa-se à temática e associa-se a um músico que se afastou da ribalta, mas nunca deixou a paixão para trás. O resultado final é variado e abrange várias vertentes do tal “core”, capaz de agradar a fãs de coisas diferentes como Converge, Architects ou Every Time I Die, ou até a alguns nomes nossos já saudosos e também tão díspares como EAK ou Before the Torn. Tem bons argumentos para continuar. (C.M.)

Alkimista
“Contraste”
Edição de Autor



O quarto longa-duração dos lisboetas Alkimista encerra, nas palavras da banda, uma tetralogia baseada nos quatro elementos, representando este o Ar. Estamos perante um trabalho do multi-instrumentista Pedro Serpa, na veia do death-doom, em que o tema-título abre o disco com um riff a lembrar o stoner dos Sleep. A voz sussurrada de Pedro Serpa, em estilo narrativo, lembra a de Adolfo Luxúria Canibal; quando dá lugar ao refrão cantado, a música abre em termos de instrumentação, surgindo teclados a acompanhar vozes em harmonia. Trata-se de um arranjo bem conseguido, com destaque para uma mistura excelente que salienta todos os instrumentos, nomeadamente a guitarra e o baixo eléctrico.
“Porto da Raiva” segue com uma estrutura semelhante à do anterior: uma voz mais agressiva no refrão a suceder ao registo “limpo” e narrador do verso. Aqui, como no primeiro tema, as guitarras são um dos destaques, com a justaposição de arpejos limpos com acordes distorcidos, seguindo-se um excelente fim por via de um piano melancólico. A voz de Rita Correa (Smooth Garage) em “Forjado na Dor” e em “A Sereia e o Pescador” oferece um contraste interessante em termos vocais (no último, inclusive, o solo de guitarra lembra os de Greg Mackintosh, dos Paradise Lost). Em conclusão, é um álbum doom-stoner na veia de Paradise Lost e Sleep, com arranjos e instrumentação sólidos que oferecem ao ouvinte vários pormenores interessantes, os quais pedem repetidas audições para que possam ser totalmente assimilados. (R.A.)

Cobrafuma
“Droga Total”
Lovers & Lollypops



Podia ter sido só uma brincadeira para uma ocasião e justificar umas cervejas com uns concertos, mas isto dos Cobrafuma mostrou que valia a pena ser mais a sério e ter um segundo álbum: mais maduro e menos sóbrio, já que “Droga Total” não é título a sugerir que estejam numa fase de reabilitação ou desintoxicação. Nem as malhas soam a isso, mesmo que qualquer um possa ter a opção de acompanhar um concertaço destes com uma Coca-Cola — há casos desses!
É a continuação da total desconstrução do termo “supergrupo” ao pegar em músicos de backgrounds aparentemente improváveis, que invoquem nomes como Killimanjaro, Greengo ou The Black Wizards, entre outros, para continuar o culto ao riff, mas num templo completamente diferente: vamos juntar-nos todos, trocar as voltas e fazer thrash todo marado. É o que voltam a fazer em “Droga Total”,



realçando que não é um thrash comum ou convencional. Uma espécie de crossover com uma alimentação diferente, que pega em sludges, grooves, tiques de death metal e outros monstros que tais, alguma inevitável psicadelia, e com uma constante expectoração punk a ser escarrada a cada letra cheia de propósito, actualidade e muita raiva. No geral, há muito cagaçal na receita, sim. Mas não é só isso, muito menos cai naquele “pizza thrash” genérico. Um disco directo, mas desafiante, indicado para todo aquele que “verga a mola” e “parte a tola” porque “o patrão tem de ruminar” e que se pergunte: “Quem é o otário que come o relógio c'os dentes ao contrário?”. Nunca perguntaram isso? Vão passar a fazê-lo agora. (C.M.)

Crosta
“A Season of Sorrow”
Edição de Autor



Esta entidade discreta e pesada que dá pelo nome de Crosta retoma a assiduidade discográfica com mais um registo que, ainda com discrição e oferecendo informação nos parâmetros mínimos (mas com a preocupação de realçar que é tudo feito por humanos, e damos graças a isso), começa a aparecer e a esgueirar-se pelo meio do

underground, tornando-se, aos poucos, mais notável. Daqui a nada deixa de ser um tesouro escondido.
Ainda com a base num post-metal/sludge que bebe muito a Neurosis, com um lado mais melódico à Baroness e que também encontrará alguns congéneres próximos por cá, como os Redemptus, Soul of Anubis ou Process of Guilt, “A Season of Sorrow” é um pouco diferente, desde logo pela forma como aborda o formato canção. Não é uma novidade, mas é quase como se, pelo meio de tanto riff forte, ambiente pesado, arrasto e paredão sonoro, houvesse ali algo de mais acessível. No entanto, é ilusório, já que rapidamente nos sentimos perdidos no meio desta névoa, e a toda a nossa volta há barulho. Basta recordar quais os rótulos atribuídos ali umas linhas acima para termos uma ideia do tipo de intensidade que nos assalta. Mas não vive só disso: estica e experimenta com o arrasto em “Narrow Way” e até brinca um pouco com silêncios em “Soul Stain”. Um disco maduro de uma banda/projecto com mistério, mas que segue o mesmo percurso evolutivo que qualquer outra banda — e com muita qualidade, que também é importante para se manterem nos vossos radares. (C.M.)

Pátria Escarlate
"Salmos do Naufrágio”
Falcata Produções

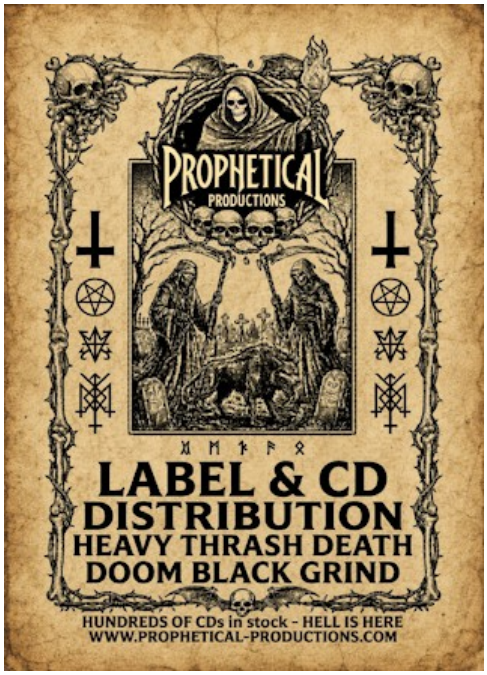


O black metal pode ser abordado na sua forma mais crua, com uma certa familiaridade. O tratamento dado a uma epopeia como é esta estreia do projecto ovarense, “Pátria Escarlate”, é que parece abrir uns enormes, tenebrosos e ferrugentos portões para a forma como se trata a poesia. Esta dupla não se fundou para tocar algo que fosse de fácil consumo, e até repudiará demasiada exposição — sendo certo que isto muito rapidamente filtra quem não está preparado para o gelo que se prolongará ao longo desta longa viagem.
Com uma prolongada escarradela, vinda das entranhas, sobre a religião (aqui tratada como uma praga), o disco conta com a história e a poesia a ajudarem à blasfémia, que não está aqui apenas pelo choque ou pelo embelezamento. É tudo arrastado, e bem arrastado, pelo mais lo-fi e black metal cru, com poemas berrados ou sussurrados por uma garganta aparentemente ensanguentada, que recita de uma forma que não ouvimos muitas vezes. A banda aproveita a sua longa duração para tornar a viagem pelas trevas mais torturante ainda, de modo a ficarmos totalmente imersos, com a atenção, de vez em quando, a ser despertada por pormenores como um delicioso riff quase post-punk em “Timão Podre do Império”. Esconde nuances, mas talvez as queira escondidas por um tempo, já que a atmosfera se sobrepõe a tudo, e as cuidadas letras poéticas (que não se assemelham à poesia incutida no ensino escolar) acabam por ser o principal foco. Uma epopeia completamente diferente daquilo a que estarão habituados. Não é recomendável aos mais sensíveis — e até alguns dos menos sensíveis podem não estar preparados. (C.M.)

Keimar
"War Is Hell"
Edição de Autor



Esta proposta muito jovem no nosso panorama, vem do Porto e ainda bem frescos e a despejar aquela pica toda para o primeiro EP, prometem debitar muito thrash de virar palcos ao contrário e deixar públicos em alvoroço. É um registo de estreia de quem entende o



bem o género, o seu propósito e o que tem a fazer. O resto vem depois e, daqui a uns anos, já podemos ter uma banda de identidade bem mais definida.
Com sete temas e mantendo-se abaixo dos vinte minutos, este o cartão de visita para vê-los a crescer em palco e para ouvir a forma como respeitam o thrash. Procuram várias abordagens, a ver qual se lhes adequará mais, acenando a diferentes tipos de fãs: algo um pouquinho mais à velha escola em “Conquer the Earth” e algo mais do groove modernaço e musculado com um pouco de core em “Heads Off”. “War Is Hell” é um registo que tira partido da sua própria simplicidade, com suficiente agressividade e pujança para que não pareça que fizeram estes temas com o “manual de instruções de música pesada” para o gajo que já está em tronco nu e com a t-shirt enrolada na cabeça a dar tudo na pit. Antevê-se uma esplêndida trajectória. (C.M.)





Damos continuidade à rubrica Ecos do Passado com uma viagem à capital lisboeta para relembrar um dos grandes nomes do Metal Progressivo nacional: os 11th Dimension.

Activa durante uma década, entre 2013 e 2023, a banda construiu a sua identidade através de uma formação sólida que contou com Carlos Costa (baixo), Pedro Marques (guitarra), a voz inconfundível de Diana Rosa e, mais tarde, Daniel Guerreiro (guitarra), que se juntou à família em 2018.
A sonoridade da banda era uma viagem introspectiva e complexa, explorando as fronteiras técnicas e melódicas do Progressive Metal. Longe dos clichés, as suas composições mergulhavam profundamente na psique humana, abordando temas densos como o isolamento, a ansiedade e as falhas da sociedade, mas sempre deixando espaço para a esperança e a autodescoberta. O grande marco da sua discografia foi o aclamado álbum Paramnesia (2018), o culminar de um amadurecimento musical que começou a desenhar-se logo no EP de estreia, Odyssey (2014).

A jornada dos 11th Dimension foi pautada por uma dedicação inabalável à música e uma resiliência notável. Mesmo perante as adversidades que o panorama musical independente impõe, a banda procurou sempre inovar e manter-se próxima do público, algo evidente nos lançamentos das suas Live Sessions de "Arrival" e "Leaves", entre 2021 e 2022. Foi um projecto movido a pura paixão, onde a vontade de fazer acontecer lutou até ao limite contra as dificuldades do meio underground.

O capítulo encerrou-se a 19 de Julho de 2023, com um comunicado emotivo que espelhou a dura realidade de muitos projectos: "Tentámos muito manter este sonho vivo, no entanto, por vezes só a vontade não é suficiente e decisões difíceis têm de ser tomadas". Fica o legado de uma década de música — que a banda fez questão de manter acessível nas plataformas — e a profunda gratidão aos fãs, descritos por eles como os verdadeiros culpados pelas melhores memórias que construíram.

Rubrica : A.R.

Diário PT Metal
a/c Christopher Monteiro
Email: diarioptmetal@gmail.com
Facebook/diarioptmetal

Periodicidade: Bimestral

Equipa de Redação: Christopher Monteiro ; Sérgio Borba ; André Rosado ; Raúl Avelar ; Mário Lino Faria ; Duarte Fernandes ; Alexandre Almeida ; Luís Rato ; Miguel Silva; Sónia Ferreira ; João Speedy Santos


Bleeding Display
WORLD OF METAL
Sónia Ferreira